

Ruptura e tradição na literatura infanto-juvenil brasileira e cubana

Suely da Fonseca Quintana | UFSJ

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar um estudo comparativo entre o tratamento dado à tradição cultural na Literatura Infanto-Juvenil brasileira e cubana. Para desenvolver esse conceito analisamos parte da produção de Monteiro Lobato e José Martí, bem como de duas escritoras contemporâneas: Renée Mendéz Capote, cubana, e Ana Maria Machado, brasileira. A discussão tem como ponto de partida teórico os conceitos de tradição, ruptura e cultura na modernidade.

Palavras-chave: Tradição, fronteira cultural, literatura infanto-juvenil.

1 Momento de ruptura

Para tratar dos momentos de ruptura da tradição narrativa, voltada para os jovens leitores, em Cuba e no Brasil, utilizarei os textos de Monteiro Lobato e José Martí. Esses dois autores fazem uma abordagem da literatura, privilegiando a capacidade do sujeito-leitor em detrimento das moralidades e pedagogismos. Nenhum texto de qualquer gênero está livre de ideologias e propostas que deseja transmitir, mas no caso da Literatura Infanto-Juvenil é diferente devido à mediação tradicional da escola.

A literatura abre novas maneiras de ler o mundo, sendo também uma forma de conhecimento, mas o que não é necessário é o fato de que “boa

leitura” seja apenas aquela que tem como princípio o ato de ensinar. A Literatura Infanto-Juvenil pertence à vasta gama de textos lidos nas escolas. As escolas, por sua vez, não consideram, às vezes, o caráter multicultural que a literatura carrega, deixando de lado a alteridade; e o que se vê é a manutenção dos valores da tradição que devem ser ensinados e transmitidos. Esses valores e essa tradição revelam muito dos poderes sociais, históricos e políticos que se desejam preservar. Portanto, ruptura e tradição, no caso da Literatura Infanto-Juvenil, andam mais juntas do que se lê na superfície dos discursos relacionados à cultura e ao ensino.

1.1 José Martí e Monteiro Lobato

Em Cuba, considera-se José Martí como o precursor da Literatura Infanto-Juvenil. Publicou, no final do século XIX, quatro números de uma revista chamada *La Edad de Oro*, destinada aos jovens. Essa publicação foi editada inicialmente em Nova York, em 1889, nos meses de julho a outubro. Em Cuba, as revistas serão publicadas na década de 1960, já reunidas em um só volume, como livro.

Martí encontrava-se nos Estados Unidos, quando escreveu as revistas, com a preocupação de manter viva a identidade latino-americana para os jovens que acompanharam os pais no exílio, como também para os que nasceram no exílio, sem nunca ter mantido contato com suas raízes culturais. Os artigos, que compõem esses números, se referem a temas variados.

Também no Brasil, os textos de Monteiro Lobato contribuem, de maneira fundamental, para a formação de uma identidade literária brasileira para crianças. A partir de sua obra, todas as diversidades da nossa formação cultural, enquanto indivíduo e enquanto ser social, passam a conviver no espaço narrativo dos textos para os jovens leitores. A obra não precisa acompanhar a incompletude que se atribuía à criança. É a primeira vez que o leitor jovem passa a dividir o texto com o autor, porque tudo é questão, nada é solução. Seu texto não é moralizante, nem autoritário.

José Martí, também em respeito aos jovens leitores, preferiu interromper as edições da revista *La Edad de Oro*, porque os editores lhe pediram para que pusesse mais moralidades e religião em seus textos. Entretanto, se recusava a obedecer a qualquer coisa que servisse para impedir o livre acesso à informação, ou que inibisse a livre escolha do que fosse melhor para os jovens latino-americanos. Suas poesias aparecem até hoje nos livros didáticos usados no nível médio, nas escolas cubanas. A presença forte de José Martí, por todos os lugares em Cuba, se deve ao fato de que o nacionalismo, que está presente na Revolução de 59, foi

interligado ao exemplo deixado por ele. O próprio Fidel Castro se refere ao escritor como o mentor intelectual da Revolução. Devido a essa ligação, muitas vezes as ideias martinianas foram deslocadas para o presente, alterando análises mais profundas do momento histórico contemporâneo em Cuba.

O espírito arguto de Lobato fará com que tome posições diferenciadas sobre o nacionalismo, as questões filosóficas e literárias de seu tempo, o que o leva a ser visto de forma contraditória. Mesmo sem abandonar certas convicções, ele as questiona. Tendo um pensamento de formação positivista e evolucionista, põe em questionamento a razão como mestra privilegiada do pensamento e a evolução como algo, às vezes, cruel. A literatura que produz para crianças traz à tona as diferenças sociais, as guerras, a morte, a fantasia, as questões do processo de individuação e do crescimento. Monteiro Lobato levanta questões, deixando o espaço do leitor sempre aberto para que tire suas próprias conclusões, exceto nos seus livros declaradamente didáticos, tais como *Gramática de Emília*, *Geografia de Dona Benta*. Nesses textos, fica evidente a proposta de ensinar, mesmo que seja de forma lúdica.

José Martí era professor, escrevia para jornais estrangeiros, procurando sempre ressaltar a importância de “Nuestra América”. No exílio, tentava organizar uma maneira para que se pudesse finalmente libertar Cuba da coroa espanhola. Durante esse tempo, viveu em Nova York. Também morou em Costa Rica e Nicarágua, participando dos seus processos para se tornarem independentes. Esse longo exílio se deve ao fato de Martí ter tomado parte nas lutas fracassadas de independência contra a Espanha. Organizou todos os planos da libertação cubana, retornando ao país quando tudo estava preparado. Entretanto, ele não viveria para ver a liberdade de Cuba, morre durante um confronto com as tropas espanholas.

Seus ideais de liberdade pautavam-se pelo desejo de ver uma América alfabetizada, com acesso à cultura e ao mesmo tempo preocupada com o trabalho para o engrandecimento da nação. Ele afirmava que:

Como poderão sair das universidades os governantes, se não há universidades na América onde se ensine o rudimentar da arte de governo, que não é mais do que a análise dos elementos peculiares dos povos da América? Os jovens saem pelo mundo adivinhando as coisas com óculos ianques ou franceses, e pretendem dirigir um povo que não conhecem.¹

1. MARTÍ. *Nossa América*, p. 196.

Quando escrevia, pensava nos jovens da “Nuestra América” que deviam ser tratados com respeito e aos quais não se devia furtar o acesso a todo tipo de leitura, quer fosse informativa, quer literária ou formadora, passando, claro, pela poesia.

O nacionalismo no pensamento de Monteiro Lobato era consciente e buscava o progresso para modernização do Brasil e, conseqüentemente, para os jovens. Foi através de sua escrita que pôde esclarecer o povo, denunciar injustiças e procurar um mundo mais justo e igual para todos. O autor consegue, no universo do Sítio, trazer à tona todas as contradições que fazem parte da sua visão de mundo. A capacidade de Lobato de levar o outro a refletir sobre o mundo que o cerca não surgiu de uma hora para outra. Faz parte de suas próprias idas e vindas, de muita reflexão e controvérsia. Nessa errância, vai aos poucos construindo uma forma reveladora de linguagem maduramente recapturada. A composição da “maturidade” literária levou muito tempo para ser concluída, passando por vários momentos.

O público-criança, como dirá Monteiro Lobato, mais tarde, será a única coisa importante, os únicos para quem vale a pena escrever. Sobre isso ele dirá em 1921: “Mando-te o Narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças.”² Ainda sobre a linguagem ele dirá: “Na propriedade de expressão está a maior beleza, dizer ‘chuva’ quando ‘chove’ – ‘sol’ quando ‘soleja’. É a porca que entra exata na rosca do parafuso.”³

Educar é uma preocupação tanto de José Martí quanto de Monteiro Lobato, para o fortalecimento identitário e nacional seria preciso apostar nos jovens. A respeito da educação, Lobato diz:

Educar não é criar, e eu creio que só a natureza cria. Tenho muito pouca fé na educação, porque nos educadores só encontrei qualidades que a educação apenas pôs a nu, não criou, não justapôs. É como o banho revelador na chapa fotográfica – tira o que está latente lá dentro.⁴

2. LOBATO. *A barca de Gleyre*, p. 46. (grifo do autor).

3. LOBATO. *A barca de Gleyre*, p. 46.

4. LOBATO. *A barca de Gleyre*, p. 143.

Eis aqui um Lobato a ser pensado. “Educar não é criar”, é facilitar que cada um se crie, segundo sua própria natureza. O ato de criar é absolutamente solitário e pessoal, implica a revelação provocada e esta sim pode vir de fora. Retirando o que está latente no universo da criança, Lobato construirá seu discurso literário.

Também é o ideal de uma educação ampla para o povo cubano o que nos possibilita compreender o alcance e a permanência de José Martí, no plano educacional do governo revolucionário de 59. Em seu texto, “Nossa América”, de 30 de janeiro de 1891, ele define quais os problemas reais que recaem sobre Cuba: “O povo nativo, com o impulso do instinto, carregava, cegado pelo triunfo, os bastões de ouro. Nem o livro europeu, nem o livro ianque davam a chave do enigma hispano-americano. Aparece o ódio, e os países pioram a cada ano.”⁵ Para Martí, a ideia de nação e a identidade cultural eram tratadas sob a ótica de querer independência, liberdade e cultura, caso contrário, Cuba jamais seria uma nação realmente livre.

José Martí e Monteiro Lobato se aproximam pelo ideal de libertar a mente criadora dos jovens leitores e pelo desejo de tornar seus países livres de influências culturais impostas, mesmo sabendo da força imperialista. Entretanto, deve-se destacar os diferentes momentos históricos de atuação dos dois escritores. Em Cuba, a questão do nacionalismo estava ligada à independência do país; no Brasil, o nacionalismo de Lobato estava ligado ao desenvolvimento econômico.

A literatura de Martí para os jovens começa a fazer parte do acervo cubano muito tempo depois da publicação das revistas em Nova York, sem antecedentes de autores cubanos como encontramos no caso do Brasil. Já Monteiro Lobato inicia sua produção de textos literários numa sequência de outros autores, que também se dedicavam ao mesmo gênero, portanto, há como compará-lo àqueles que o antecederam, seguindo uma cronologia muito próxima. Essa proximidade permite uma comparação mais relevante, tendo em conta a vasta produção de Lobato para o público infantil e juvenil e o diferencial que ele inaugura em termos de linguagem e na nova temática explorada.

Embora os dois escritores representem modelos de ruptura com as tradições de um tempo linear e vazio da cultura de seus países, teremos depois deles um vazio em termos de sequência dessa renovação literária. Em Cuba, os textos continuaram a ser traduzidos dos europeus e Martí será retomado de forma

5. MARTÍ. *Nossa América*, p. 199.

anacrônica em 1959, com a Revolução; Lobato só terá seguidores a partir da década de 1970. Em Cuba, depois de 1959, há também um aumento considerável da publicação para os jovens leitores. Afinal era preciso formar novos leitores para a nova realidade política. No Brasil, embora houvesse uma experiência produtiva com Literatura Infanto-Juvenil, se pensarmos na produção de Lobato, também estamos marcados por pontos de vista semelhantes aos de Cuba, no que se refere aos aspectos pedagógicos e moralizantes.

A partir da década de 1970, verifica-se que, nos dois países, há uma mudança na relação texto-leitor. Isso se explica por diversos motivos. Em Cuba, é o momento de organizar a educação que vinha sendo desenvolvida tendo em vista a alfabetização. O primeiro congresso sobre literatura para os jovens ocorre em 1972. Cuba, dispondo ainda de um bom parque gráfico e da subvenção estatal, consegue imprimir livros bons e baratos, para que a população pudesse adquiri-los.

No caso do Brasil, foi o interesse do mercado editorial de vender mais livros para as escolas que proporcionou um investimento maior nesse setor. A partir da lei 5.692, de 1971, determinando a inclusão da leitura de textos literários nas escolas, esta passou a ser um ótimo mercado para o comércio das editoras. Escrever para os jovens tornou-se um filão excelente também devido ao maior número de alunos matriculados. Os catálogos eram distribuídos nas escolas que adotavam vários livros para o trabalho com a literatura. A propaganda que se fazia dos autores e dos livros junto à escola era lucro garantido. Tão certos estavam os editores de que esse era o seu momento, que passaram a incluir fichas de leitura como encartes nos livros literários.

Evidentemente que a quantidade traz qualidade, mas também existem os livros escritos para o mercado, sem preocupações artísticas ou com o jovem leitor. Os ministérios da Educação tanto no Brasil como em Cuba estão sempre fazendo adequações entre projetos para o país, sua política e sua economia, utilizando os projetos educacionais como uma forma de divulgar e formar o tipo de identidade e de valores que se deseja preservar e difundir em cada momento. Dessa maneira, os momentos conservadores, de uma certa tradição, não estão totalmente afastados das transformações literárias para os jovens leitores cubanos e brasileiros.

2 A reafirmação da tradição e tradição da ruptura

A tradição conservadora traz agregados valores que procuram manter determinadas formas sociais. Romper com tudo que vem do passado e projetar o futuro utópico são questões referentes à modernidade, cujo paradoxo é justamente o novo pelo novo, sem considerar que dentro da ruptura se instaura uma tradição própria, a qual está sempre em construção, mas em cuja trajetória é possível reconhecer os vestígios, os rastros do passado. Teremos uma tradição e uma ruptura que devem agir como suplemento da cultura e não de forma excludente.

De acordo com a tradição analógica de Octavio Paz,⁶ é possível entender que existem outras formas de perceber o que é uma tradição diversificada; coisa que não se percebia antes, totalizando somente a ideia de ruptura. A ruptura cortava toda a relação com o passado (quer fosse pela ironia ou pela paródia), projetando-se para um futuro utópico e considerando a tradição como um bloco cristalizado em um tempo linear e estagnado, numa concepção também linear da história.

Embora Octavio Paz esteja se referindo à tradição moderna da poesia, é possível aproveitar parte de seu pensamento sob o ponto de vista do moderno configurando uma tradição. O autor desenvolve uma discussão sobre a tradição da ruptura, instaurada pelo moderno, que formaria uma tradição na medida em que sua proposta básica é iconoclasta, agindo de forma a interromper o fluxo contínuo e linear da tradição.

A modernidade para Octavio Paz é marcada a partir do século XVIII. Segundo o autor, a tradição moderna apagaria as oposições entre o antigo e o contemporâneo. Ao mudar-se essa imagem de tempo, também se mudaria a relação com a tradição. Dessa forma, a tradição deixa de ser algo imutável, podendo ser recontextualizada no presente, transformando a linearidade temporal e histórica. Dentro dessa concepção, o conceito de analogia, introduzido por Octavio Paz, traz uma possibilidade de considerar a tradição de forma mais aberta, pois a analogia é “a ciência das correspondências”⁷ e não da igualdade. A analogia torna atual a preocupação com os aspectos da tradição no mundo contemporâneo, porque se utiliza das diferenças para formular seus conceitos. No caso da identidade cultural,

6. PAZ. *Os filhos do barro*.

7. PAZ. *Os filhos do barro*, p. 99.

por exemplo, o modo como se utiliza a diferença permite contextualizar e elaborar os traços identitários distintivos.

No caso do Brasil e de Cuba, a tradição, às vezes, se torna um modelo a ser repetido para afirmar as questões do nacionalismo e da identidade cultural. Entretanto, alguns livros de literatura infantil e juvenil se apropriam do passado e da tradição para abrir o questionamento no presente e suplementar com novas concepções a tradição, acrescentando elementos de pluralidade. Temos dois exemplos de narrativas para jovens que contemplam as duas possibilidades: a permanência da tradição, no caso de *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, de Renée Méndez Capote, e a ruptura, no caso de *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado.

2.1 A reafirmação da tradição

Renée Méndez Capote foi uma das primeiras escritoras a se preocupar com os livros novos para a nova organização da cultura comunista de Cuba. Seus livros foram escritos para atender ao modelo que se esperava dos jovens leitores, ou seja, que se tornassem bons cidadãos para seguirem desenvolvendo os novos princípios sociais.

Um bom exemplo de Literatura Juvenil adequada ao sistema de presentificar o passado, de forma tradicional, é o texto *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, cujo narrador é a própria autora. Constituindo-se como um livro de memórias, descreve os acontecimentos da sua vida de acordo com os fatos históricos e as questões sociais como, por exemplo, a escravidão. A narradora-personagem sempre se refere ao horror da escravidão. No entanto, sua família possuía escravos, poucos, mas havia. Sobre sua babá diz o seguinte: “Así me dormía Nana, acunándome en sus brazos fuertes, apretándome contra sus pechos amplios, junto a mi carita su cara negra, sana e linda. Y qué bien olía mi Nana! Qué limpia era.”⁸

A narradora-personagem, mesmo que deixe entrever sua simpatia pelos escravos da família, ainda se mantém presa ao preconceito de que os escravos, para trabalharem dentro de casa, deveriam ser limpos e cordatos. O preconceito

8. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p. 21. “Assim Nana me fazia dormir, acolhendo-me em seus braços fortes, apertando-me contra seus amplos seios, junto do meu rostinho sua cara negra, sã e linda. E como cheirava bem! Como era limpa.”

arraigado não se rompe facilmente. É nesse sentido que, ao tentar recuperar o passado para constituir o presente, o texto deixa entrever a impossibilidade de transportar a tradição sem nenhuma atualização, principalmente em Cuba, onde as transformações sociais, políticas e econômicas foram muito radicais se comparadas com o passado.

Memorias de una cubanita que nació con el siglo é marcado pela diferença entre o tempo dos fatos ocorridos e o momento da enunciação. Já no primeiro capítulo, ocorre essa interferência: “Yo nací inmediatamente antes que la República. Yo en noviembre de 1901 y ella en mayo de 1902.”⁹ Logo depois, atribui valores ao tempo passado antes de seu nascimento estabelecendo o fio condutor da narrativa, criando um elo temporal:

Quando a mí me engendraron, estaba Cuba en plena efervescencia. Mi embrión se nutrió de lucha y esperanza, de fuerza combativa. Fui la hija de la constituyente como mi pobre hermanita, que fue engendada a los dos meses de mi nacimiento y pesó al nacer menos de cuatro libras, fue la “hija de la Enmienda Platt” y se nutrió en el claustro materno de desilusión y de amargura, de ansiedad y de impotencia.¹⁰

A narradora segue acrescentando aspectos das lutas nacionais cubanas, sempre fazendo interferências no passado, e escrevendo e complementando a história atual de Cuba, em 1964, data da publicação de *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*. A narradora também cita o fato de que a história de Cuba ainda não tinha sido escrita. Para isso, seria necessário “... un historiador imparcial, sin prejuicios y muy paciente, además de muy bien enterado, que no tema herir para que pueda hacer justicia”.¹¹

9. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p. 9. “Eu nasci imediatamente antes da República. Eu em novembro de 1901 e ela em maio de 1902.”

10. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p.10. “Quando fui gerada, Cuba estava em plena efervescência. Meu embrião se nutriu de luta e esperança, da força combativa. Fui a filha da constituinte como minha pobre irmãzinha, que foi gerada aos dois meses do meu nascimento pesou ao nascer menos de quatro libras, foi a “filha da emenda Platt” se nutriu no claustro materno de desilusão e amargura, de ansiedade e de impotência.”

11. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p. 10. “... um historiador imparcial, sem prejuízo e muito paciente, além de muito bem inteirado, que não tema ferir para que possa fazer justiça.”

Em outro trecho do livro, a personagem-narradora expõe seu conceito de tradição: “Las hijas no tenemos mucho de médico brujo, aunque Sarah tal vez sí, porque ella cree en la tradición estática. Yo no, porque creo en la tradición dinámica, que sólo conservo lo esencial y se incorpora a lo nuevo.”¹² Essa fala da personagem-narradora parece paradoxal, sendo que ela a todo momento coloca a narrativa de forma linear, narrando o passado, sem o atualizar.

Nesse livro, é importante a maneira como o social e o coletivo nacional vão sendo construídos de forma fragmentada e a partir do ponto de vista individual. À medida que a personagem-narradora cresce, torna-se um indivíduo que passa a observar o coletivo e o social, a serviço do contexto histórico e comunista de Cuba. A família da personagem-narradora era importante tanto por seus princípios políticos quanto financeiros.

Embora a narradora procure esclarecer todas as mudanças históricas ocorridas em Cuba, isso não se aplica às mudanças sociais ocorridas com sua família. Vários trechos do livro se tornam obscuros porque ela não diz o porquê de certos acontecimentos como, por exemplo, o motivo pelo qual tiveram que esconder-se em Havana velha. Ela descreve esse lugar como o pior de todos em que já morou. Isso é compreensível, levando-se em conta a posição social de sua família.

A família da personagem-narradora faz uma viagem para os Estados Unidos. Apenas pela descrição do ambiente e o ânimo das pessoas se percebe que podem estar indo para o exílio. Isso porque a narradora descreve que “El norte se presenta hostil en mi recuerdo. El frío era muy desagradable”.¹³ Também fica subentendido que essa não foi a primeira viagem deles, porque, após falar de quanto foi ruim essa estada, se recorda de já ter estado ali e “Tampoco esa vez nos gustó”. O tempo que passaram nos Estados Unidos é lembrado como um lugar horrível, as palavras descrevem esse tempo lembrando sempre a saudade que sentiam de Cuba, do calor da casa, dos amigos. Todas as palavras que se referem aos Estados Unidos são sempre de amargura.

12. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p. 141. “As filhas não temos muito de médico e de bruxo, ainda que Sarah talvez sim, porque ela crê na tradição estática. Eu não, porque creio na tradição dinâmica, e só conservo o essencial e o incorporo ao novo.”

13. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p. 23. “O norte se apresenta hostil em minhas recordações. O frio era muito desagradável (...) Tampouco dessa vez nos agradou.”

A narradora conta que foram aos Estados Unidos outras vezes, mas não diz o motivo. No retorno de uma dessas viagens encontraram Cuba, em 1907, com uma segunda intervenção na política. Mesmo com a República, ainda existia a intervenção americana no governo cubano, os primeiros presidentes foram indicados e apoiados pelo governo americano. Com isso, os Estados Unidos não perderiam esse mercado comercial, sempre vantajoso para eles, não para Cuba. A narradora afirma: “El político estaba ensayando a la sombra de los yanquis para hacer su debut en la escena de la farsa nacional.”¹⁴

Fica claro no texto o processo da memória seletiva que suscitará no passado as motivações para construir o presente histórico. Essa memória seletiva é marcada no texto, logo após o que foi citado. Como exemplo, dirá Renée: “De todo eso me enteré mucho después.”¹⁵ O livro *Memorias de una cubanita que nació con el siglo* segue ainda uma construção dualista: o tempo do bem, Cuba; o tempo do mal, Estados Unidos. Entretanto, deixa de analisar muitos aspectos de forma diferente, o que era possível tendo em vista que a obra foi escrita em 1964, o que de certa forma permitiria uma visão mais crítica e menos apaixonada do que está narrando, podendo ousar mais no texto. A distância temporal é pequena em relação ao triunfo da Revolução. Entretanto, no período entre 1959 e 1964, as transformações políticas e sociais foram inúmeras, inclusive a declaração de Fidel Castro em 1962 de que, a partir daquela data, a Revolução passava a ter um caráter comunista, que até então não estava claro para o povo. A Revolução, em princípio, previa apenas a deposição de Batista, esperando depois fazer eleições livres e democráticas para presidente. Diante da afirmação de Fidel, aumentou muito o êxodo dos que não concordaram com a nova ideologia e composição política em Cuba.

A família da personagem-narradora reverenciava a pátria, hasteava a bandeira cubana em datas importantes. Pela descrição da biblioteca de seu irmão, percebe-se o aspecto eclético da cultura familiar. O irmão possuía livros de aventuras, livros clássicos de espanhol, sobre marinheiros, sobre mártires cristãos e muitas edições de *Don Quixote*. A personagem-narradora fala de suas brincadeiras

14. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p. 26. “O político estava ensaiando à sombra dos yanques para fazer sua estréia na cena da farsa nacional.”

15. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p. 26. “Disso tomei conhecimento muito depois.”

prediletas. Dentre elas, a mais importante era “voar”, ficar horas observando as estrelas, imaginando um voo sobre Vedado (um bairro central em Cuba), vendo as flores dos jardins e apreciando o mar. Os adultos não a levavam a sério, o que lhe causava grandes aborrecimentos. Ela compara os Estados Unidos com coisas ruins. Foi em Nova York, onde ela “viu” o diabo pela primeira vez e o descreveu muito bem, mas não houve jeito de os adultos acreditarem. Mas ela era mais poderosa que o diabo; afinal, isso era fruto de sua imaginação. Conseguia ver o seu aspecto colorido, inofensivo e cordial. Além disso, ela não acreditava no diabo, como os que estavam à sua volta temiam.

O diabo aqui tem um significado especial. Em princípio ele é a representação do mal, que no caso era o medo de que os Estados Unidos se apropriassem de Cuba para sempre. Por outro lado, para vencer o medo, é preciso não acreditar que algo tão ruim pudesse acontecer. Assim, simbolicamente, Renée não via, ou não queria ver, os aspectos negativos do diabo, os cubanos eram mais fortes.

Mesmo com todo esse discurso, a família de Renée é abastada e o que ensinavam aos filhos não estava muito de acordo com o luxo em que viviam, como ela descreve: “Mi casa era una de las muy pocas en que se les [os empregados] daba descanso al mediodía y a las ocho de la noche ya estaban libres. Si embargo, en mi también se daba salida una vez cada quince días. Para quedarse a dormir fuera, dos o tres veces por semana, tenían que justificar estar casados.”¹⁶

Também relata que o número de empregados é grande: uma governanta francesa, uma passadeira, duas criadas para serviços gerais, três babás, um cozinheiro chefe, um auxiliar de cozinheiro, um jardineiro, dois cocheiros, um cavaliço, um ajudante geral e um criado para serviços externos. É evidente que para aquela época essa família era rica, e o trabalho do chefe da casa, advogado, lhe rendia bons lucros para manter tudo isso funcionando. O interessante é que nessas passagens do texto, em que fala de sua família burguesa, Renée não tece maiores comentários, como os que fazia quando descrevia as guerras. Sua memória seletiva atua quando é necessário e se apaga quando não explica como sua família abastada atravessou o difícil período da Revolução. Escrevendo já adulta e depois

16. CAPOTE. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*, p. 147. “Minha casa era uma das poucas em que (os empregados) tinham um descanso ao meio-dia e às oito da noite já estavam livres, sem embargo, em minha casa também saíam uma vez a cada quinze dias. Para ficar fora e dormir, duas ou três vezes por semana, tinham que justificar que estavam casados.”

da Revolução de 59, poderia dar uma visão mais crítica sobre sua própria família. Em uma entrevista concedida aos autores do livro *Quiénes escriben en Cuba?*,¹⁷ ela relata que foi muito difícil firmar-se como escritora antes da Revolução. Revelou também que toda a sua família aderiu ao comunismo, exceto um irmão que virou contrarrevolucionário e capitalista.

A sociedade cubana que ela descreve é de formação europeia, sendo que os norte-americanos eram rechaçados por não terem uma vasta e sólida cultura como a da Europa. Segundo a narradora, eram depreciados como inferiores ou bárbaros. A narradora-personagem segue sempre descrevendo Cuba como uma cidade fantástica com bons cinemas, lojas interessantes e muitas oportunidades para se divertir, como no zoológico, nos teatros, onde apresentavam até óperas. Entretanto, sabe-se que essa cidade com muitas coisas não estava disponível para a maioria da população. A personagem-narradora termina seu relato no período da adolescência e seus primeiros namoricos, sem importância para os mais velhos, mas era o que de mais secreto e lindo representava para a jovem. Nesse momento, a narradora não antecipa nada sobre a Revolução de 59, em seu texto. O final do livro não corresponde ao tom revelado no início da narrativa, que faz prever mais aventuras e desventuras. É claro que, com o triunfo da Revolução, a família de Renée deve ter perdido muitas regalias. Como ela formou seu caráter revolucionário, como passou da vida sem maiores compromissos para se engajar na luta pelas mudanças advindas com o comunismo, nada disso faz parte de seu texto.

No livro de Renée Méndez Capote, nota-se que o social e o histórico são construídos de forma fragmentada, a partir de um ponto de vista, que no início do livro pareciam as experiências mais importantes para a narradora. Entretanto, à medida que a personagem-narradora “cresce”, o individual fica cada vez mais importante, deixando os aspectos sociais e históricos mais diluídos.

Por sua vez, em *Bisa Bia Bisa Bel*, livro de Ana Maria Machado, percebe-se mais claramente a construção dos ideais da jovem que, dentro do possível, busca entender e trabalhar os elementos que ocorrem na sociedade e que também formam seu caráter, além do que aprende em casa.

17. BERNARD; POLA. *Quiénes escriben en Cuba*: responden los narradores.

2.2 Tradição e ruptura

O livro *Bisa Bia Bisa Bel* mostra a construção de uma identidade cultural com base em uma tradição modificada pelo olhar crítico do presente. A narrativa reporta-se a uma menina, Bel, que um dia encontra o retrato da bisavó, colocando-o preso no elástico do short. Perdendo a foto, conserva a imagem da bisavó-menina como um desenho sobre seu corpo. Depois disso, é como se a bisavó vivesse com ela. Dessa convivência íntima, surge um elo entre o passado e o presente. Certo dia, Bel ouve dentro de si uma outra voz que se identificava como sua bisneta, representando assim o futuro. As três dimensões de tempo irão construir a identidade pessoal e cultural de Bel, que um dia se tornará bisavó, como a sua Bisa Bia.

Em termos de técnica narrativa, encontramos em *Bisa Bia Bisa Bel* uma inovação em relação ao narrador. O narrador autodiegético aqui se diferencia por ser um narrador que, às vezes, se apresenta como heterodiegético, mas de forma relativa. Quando Bel organiza sua própria interioridade, ela é uma narradora autodiegética, que se revela através do próprio discurso. Quando organiza as vozes do passado, Bisa Bia, e a do futuro, Neta Beta, a narradora abre mão de ser autodiegética, realizando essa mudança através de diálogos, nos quais ocorre o aprendizado mútuo entre a avó, a neta e a bisneta. A narrativa se constrói em *mis-en-abyme*, acompanhando a enunciação. A mesma sequência de aprofundamentos para chegar ao retrato da bisavó (sua ligação com o passado) é repetida pelo aprofundamento das vivências e experiências de Bel. A primeira sequência narrativa se aprofunda em direção ao conto popular, estabelecendo uma ligação entre o passado e o presente:

Parecia até a história da vida do gigante, que minha tia conta. Sabe? Aquela história que diz assim: dentro do mar tinha uma pedra, dentro da pedra tinha um ovo, dentro do ovo tinha uma vela e quem soprasse a vela matava o gigante. Claro que não tinha gigante nenhum na arrumação geral da minha mãe. Nem ovo. Mas até que tinha uma vela cor de rosa, do bolo de quando fiz um ano e que ela guardava de recordação, dentro de um sapatinho velho de nenén, de quando eu era pequenininha. Mas eu lembrei da história do gigante porque a gente podia contar a história de Bisa Bia assim: dentro do quarto da minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha

uma caixa, dentro da caixa tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retratos, dentro de um retrato tinha Bisa Bia.¹⁸

Através do recontar, a narrativa remete ao conto popular e à oralidade, instituindo um diálogo entre tradição literária e tradição popular. Bel é personagem-narradora, com características do contador de histórias, participando de forma ativa através do questionamento dos diversos discursos, que recebe da bisavó.

As várias explicações entre as duas, Bel e Bisa Bia, seguem durante todo o texto, sempre conservando o tom humorístico. Não é um humor que represente desprezo por um tempo ou por outro, mas sim de cumplicidade. Bel sempre se dirige ao leitor para explicar algumas passagens mais complicadas nas trocas de informações entre ela e Bisa Bia. Isso constitui uma forma de esclarecer as coisas do passado ao leitor, coisas que provavelmente não sejam do conhecimento de todos.

As questões dos saberes passados são como a metáfora da tatuagem transparente do retrato de Bisa Bia, no corpo de Bel. É uma tatuagem, fica gravada, mas deixa que se perceba o sujeito tatuado sob ela, não o esconde totalmente. Os rastros da tradição são vislumbrados e re-significados.

– Eu guardei ela grudada na minha pele, junto do meu coração, muito bem guardada, no melhor lugar que tinha. E ela gostou tanto – sabe, mãe? – que vai ficar aí para sempre, só que pelo lado de dentro, já imaginou? Também, era fácil, porque eu tinha corrido e estava suando muito, o retrato dela ficou molhado, colou em mim. Igualzinho a uma tatuagem. Ela ficou pintada na minha pele. Mas não dá para ninguém mais ver. Feito uma tatuagem transparente, ou invisível.¹⁹

As considerações finais de Bel, a respeito da importância de se situar em relação ao passado, são mais amplas e precisas, durante uma aula de História, justamente numa aula em que se estudam os eventos do tempo cronológico. Bel percebe que o tempo interior de cada um contribui muito para sua postura diante dos fatos históricos. Ao encontrar novos amigos, que viveram a situação do exílio e têm valores diferentes com relação aos papéis predefinidos dos homens e das mulheres dentro da sociedade, a menina percebe que as relações sociais se preservam

18. MACHADO. *Bisa Bia Bisa Bel*, p. 7.

19. MACHADO. *Bisa Bia Bisa Bel*, p. 20.

por uma tradição que não deixa espaço para questionamentos; repete-se o mesmo sem perguntas.

Bia, ao descobrir essas coisas novas, sente-se melhor com o seu jeito de ser, mudando todos os dias, indo e voltando em suas decisões, nada de coisas impostas ou estagnadas.

Eu, Bel, uma trança de gente, igualzinho a quando faço trança no meu cabelo, divido em três partes e vou cruzando uma com as outras, a parte de mim mesma, a parte de Bisa Bia, a parte de Neta Beta. E Neta Beta vai fazer o mesmo comigo, a Bisa Bel dela, e com alguma bisneta que não dá nem para eu sonhar direito. E sempre assim. Cada vez melhor. Para cada um e para todo mundo. Trança de gente.²⁰

Essa “trança de gente” remete para a noção de uma identidade cultural e que se configura a partir de locais distintos de enunciação. Nesse livro de Ana Maria Machado, é importante notar como o social e a cultura vão sendo construídos de forma fragmentada, reunindo vivências individuais; sem trazer fragmentos do passado tal e qual requer uma tradição conservadora, deixando-os sem modificações ou críticas. Enquanto Renée Capote, em seu livro *Una cubanita que nació con el siglo*, traz o passado para o presente como aconteceu, num procedimento que ainda agrada aos tempos conservadores daquele país, fazendo desse livro um dos mais lidos nas escolas cubanas.

As fronteiras culturais são marcadas também pela literatura que é ensinada nas escolas. No caso do ensino fundamental, as mensagens culturais são transmitidas de forma, às vezes não muito explícitas, mas que, de qualquer forma, marcam o imaginário dos leitores iniciantes. Manter determinadas formas culturais é um dos projetos da educação nacional, com o intuito de preservar os valores que devem ser mantidos, na maioria das vezes de forma homogênea, que constitui o acervo cultural do país. No caso brasileiro, a heterogeneidade cultural é o calor que melhor expressa nossa formação étnica. Preservar nossa cultura é preservar a variedade, as diferenças constitutivas da alteridade. Em Cuba muito da variedade cultural se perde pelas questões políticas, que também influenciam a crença na suposta homogeneidade estabelecida com a Revolução de 1959. As fronteiras culturais na Literatura Infanto-Juvenil brasileira se mostram mais ligadas à liberdade artística que nos livros dos jovens leitores cubanos.

20. MACHADO. *Bisa Bia Bisa Bel*, p. 56.

Rupture and tradition in Brazilian and Cuban children's literature

Abstract: This article aims at presenting a comparative study between the treatment given to cultural tradition in Brazilian and Cuban children's Literature. In order to develop this concept, we analysed part of Monteiro Lobato's and José Martí's literature and the books by two other contemporary writers: Renée Méndez Capote, a Cuban, and Ana Maria Machado, a Brazilian one. The theoretical discussion involves the concepts of tradition, rupture and culture in modernity.

Keywords: Tradition, cultural barrier, children's literature.

Referências

- BERNARD, Jorge L.; POLLA, Juan A. *Quiénes escriben en Cuba: responden los narradores*. Ciudad de La Habana: Letras Cubanas, 1985. 591 p.
- CAPOTE, Renée Méndez. *Memorias de una cubanita que nació con el siglo*. La Habana: Unión de escritores y artistas, 1964. 193 p.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. 2 v. 385 p.
- MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia Bisa Bel*. 5. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. 56 p.
- MARTÍ, José. *Nossa América*. Trad. Maria Angélica de Almeida Trajber. São Paulo: Hucitec, 1983. 254 p.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 217 p.